



Painel de Genaro de Carvalho no Hotel Tropical de Salvador, antigo Hotel da Bahia

COMPARANDO O COMPARÁVEL: *Amelia Peláez & Genaro de Carvalho*

Jerusa Pires Ferreira

Para Carlos Venegas

JERUSA PIRES FERREIRA
é professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica da PUC-SP e do CJE/ECA-USP e coordenadora do Centro de Estudos da Oralidade do COS/PUC-SP.

Folhas espalmadas, quase um tapete, pintadas em azul e branco sobre o frontal do Hotel Habana Libre, contempladas na primeira visita a Cuba, em plena primavera de 2006, levam imediatamente a pensar num artista baiano, Genaro de Carvalho, suas pinturas, murais e tapeçarias.

Três anos depois em Cuba, e com outras referências, desvenda-se melhor a artista Amelia Peláez, o painel que continua a nos hipnotizar, naquele fervilhante laboratório de muitas artes: Havana.

Comparar é então um ato inevitável, mesmo que os demônios da aproximação nos indiquem sutilmente as diferenças, e o que pode haver de incomparável num universo criador. Argutos e inquietos, tentamos escapar, e aí pensamos nos traços que constroem a proximidade entre as obras desses dois importantes artistas.

Nascido na Bahia (1926-71), Genaro de Carvalho, um dos renovadores da arte moderna em sua cidade, mais conhecido pelas tapeçarias, é considerado mestre, possivelmente, o primeiro do tapete ornamental no Brasil. Sabemos que ele se inspira na obra do francês Jean Lurçat, que ora aponta para uma dimensão heráldica transfigurada, ora para o imaginário surrealista, em seu cromatismo também intenso. O tapeceiro francês esteve na Bahia em 1952. Por sua vez, em Genaro, a luz tropical parece buscar muitas inserções no ambiente e temporalidade artística, nas operações construtivistas, e assim, por exemplo, as muitas tonalidades de vermelho.



Em dezembro de 2010, em grande exposição do Museu de Arte Moderna da Bahia, mostrou-se ao público um alcance mais amplo daquele que, tendo ido estudar na França, instala, junto com outros (Cravo Jr., 2010) de sua geração, toda uma atmosfera de modernidade, servindo-se de referências pictóricas e de novas atitudes frente ao ambiente da velha e misteriosa cidade da Bahia.

O bar Anjo Azul, no centro da cidade, repleto de mobílias antigas e pinturas de Carlos Bastos, reduto aristocrático e boêmio de intelectuais e artistas, não pode ser esquecido – memória de um tempo baiano.

É o escultor Mário Cravo, um artista contemporâneo de tão grande impacto, ao alterar mentalidades e percepções, que assim nos fala, mencionando a interpretação do mundo através da atividade criadora, para configurar a ação de um grupo:

“Fora do país, estes três artistas tiveram cada qual suas fases de experiência e aprendiza-

Obra de Amelia Peláez na fachada do Hotel Habana Libre



A cultura negra da Bahia: tema das obras de Genaro de Carvalho

do: Genaro em Paris, Carlos Bastos e eu nos Estados Unidos. Com o retorno a Salvador, através de exposições individuais e coletivas, no sul do país e no exterior (América e Europa) – é que foram estabelecidos os primórdios da transformação da arte acadêmica pós-impressionista e da outra meramente comercial, que em realidade inicia ‘sem panfletos e manifestos’ a demarcação da arte da Arte Moderna na Bahia” (Cravo Jr., 2010).

No Brasil, as paredes de espaços públicos constituem um desafio para nossos artistas. E desde Portinari, murais e painéis atestam vitalidade e marcas de nossa cultura. Sabemos

como Di Cavalcanti, Clovis Graciano, Gregório Gruber, entre tantos outros, cobriram extensões com suas figuras. Mas ressalta a dimensão daquele mural pintado por Genaro no Hotel da Bahia em 1952. O ano de 1949, quarto centenário da cidade, criava espaço para intervenções artísticas que ocorriam e haveriam de vir.

Nele, o talento e a força das artes do povo, seus temas, elementos de uma Bahia dos saveiros, Iemanjás, brigas de galo e de uma representação onírica. Sêmico, polissêmico e monumental, aí se recuperam traços de vários atores da grande aventura pictórica do século XX.





Ali estão os pés, as marcas de Portinari vestindo a cultura dos negros da Bahia; muito perto de Jorge Amado, que escreveu sobre o jovem Genaro (afinal, ele pintou aquele painel aos 22 anos), e ainda de Cícero Dias, por um mistério lírico que também os aproxima. Monumentalidade em forma e atitude com que foram incorporadas essas citações visuais e culturais.

Quanto a Amelia Peláez (1896-1968), nascida em Yaguajay, ao norte de Cuba, pintora, ceramista, considerada uma das maiores do século XX, foi pioneira entre os modernistas latino-americanos. Pertencendo a uma geração anterior à de Genaro, sua

primeira exposição foi em 1924, e é também em Paris que descobre o mundo, passando a evidenciar o colorismo tropical sob outra medida, as cenas afro-cubanas postas em tela, painéis que insistem em confirmar uma intensa plasmação imaginária. Teve formação em Cuba, e é em 1927 que se estabelece em Paris, e convive, como discípula, com a pintora russa Alessandra Exter. Reconhecida em sua terra, ela tem a primeira retrospectiva de sua obra. Ao voltar, abre um ateliê em San Antonio de los Baños, onde cultiva a artesanaria, a cerâmica, evidenciando a dimensão escultórica dos objetos, para além da representação plana.

Detalhes do painel modernista de Genaro no Hotel Tropical de Salvador, antigo Hotel da Bahia



PAINÉIS, FOLHAS, TAPETES

É preciso ver que a tapeçaria e a pintura dialogam e se entrelaçam quando uma abastece a outra de procedimentos e efeitos comuns.

Há nesses dois artistas uma forma de pintar que é como fazer um grande tapete, em mural, e há também uma tapeçaria funcionalizando-se como grande pintura, uma artesanaria que se oferece cromática e ao mesmo tempo ilustrativa e leve, cada um a seu modo, procurando tocar no decorativo como um enigma. Em comum, eles têm ainda o fato de transitar entre os espaços públicos e os domésticos e de introduzir flores e pássaros (Genaro) e conchas policromáticas (Amélia).

Considerando diferenças fundamentais de geração, embora tenham vivido e criado praticamente no mesmo tempo, pois apenas três anos separam a data da morte de ambos, alguns aspectos têm de ser evidenciados. É de se levar em conta as condições de expressão, numa antiga capital, a cidade da Bahia, isolada e de vida cultural lenta, mesmo preparando-se para viver uma certa Renascença nos anos 50. No caso de Havana, território de confluências, projetos e transformações revolucionárias, que marcaram intensamente o nosso século, passam a valer ali condições muito próprias. É também de se destacar a marca feminina de uma mulher artista/artista nascida ainda em tempos não tão favoráveis. Sensibilidade e formação se reúnem e se, por um lado, há todo um viés decorativo proposto, comparece em sua obra uma ritualização preponderante e consistente.



O colorismo tropical nas pinturas de Amelia Peláez

Ela realizou obras de maturidade sob a forma de grandes murais: aquele do Hotel Havana Libre (1957) e o do Ministério da Administração Interna (1953).

É de Lezama Lima (1970)* o texto que apresenta sua grande exposição em Havana e dele depreendemos uma notável síntese em que poeticamente se definem modelos e resultados. Fala-nos de uma carnalização das estruturas, de uma superação dos modelos europeus e do próprio Picasso (fantasma insistente) na ritualização exigida pelo mundo tropical.

* O texto, no entanto, foi escrito em fevereiro de 1940.

À esquerda, Sandias (1941), pintura a óleo de Amelia Peláez e, à direita, detalhe de obra de Genaro de Carvalho, em capa do catálogo da exposição no Museu de Arte da Bahia, de 2010



Reprodução



Reprodução

Quanto a ele, jovem artista, tendo realizado seu grande painel nos anos da juventude, passa depois para as artes industriais, e por uma fase ornamental (mulatas e borboletas, retratos de personagens da vida social baiana) e em que falta a densidade de sua arte maior.

Amelia e Genaro realizam uma síntese e, mais curiosamente, aproximam-se no ideário e na maneira de fundir nos programas modernos os elementos da tradição local, popular, negra, mestiça. Parece que combinaram para construir na arte deste continente, no século XX, um grande tapete duradouro que nos fala da renovação e das vanguardas artísticas, conseguindo a esperada sintonia para expressar as conquistas e o colorismo de nossos povos americanos, em sua intensidade poética mais cabal.

Trazer uma comparação entre esses dois artistas é sobretudo estar consciente da necessidade de manter viva toda uma memória que se projeta no campo das artes, da história da cultura, na América Latina. Os dois pintores, com tantas afinidades, muralistas, avançando pelas então chamadas artes menores, o tapete, a cerâmica, aproximam ainda tempos e séries artísticas inovadoras e europeias, de seus legados e criações locais afro-baianas/cubanas. Eles nos legam possibilidades pictóricas afins, visualidades singulares, cuja presença nos garante uma forte integração em nós mesmos, e em nossa história.

Curiosamente, os dois ainda estão presentes no mercado das artes por preços relativamente acessíveis.

Trazê-los à cena parece ser uma contribuição para as novas gerações, num grande quadro da memória que vamos construindo e no qual esses valores culturais se inscrevem.



Lembrar que em torno do Hotel Habana Libre, nos tempos pós-revolucionários, artistas notáveis inscreveram suas obras nas calçadas da rua. Agora se teme pelo estado de conservação. A integridade do grande mural de Genaro foi ameaçada quando o antigo espaço se transformou em restaurante no novo hotel da Bahia, e ali turistas distraídos encostavam cadeiras nas paredes, sem notar que um dos mais belos painéis do Brasil se oferecia. Felizmente, creio, o lugar onde se encontrava o painel foi fechado para restauração.

Essa memória pertence a todos e oferece senhas para nossa inserção no universal.

A arte moderna do continente: síntese de Genaro de Carvalho (imagem retirada do catálogo da exposição no Museu de Arte da Bahia, de 2010)



BIBLIOGRAFIA



- CRAVO JR., Mário. "Lembrança de Genaro de Carvalho", in *Genaro de Carvalho: De Memória – Uma Retrospectiva*. Catálogo da Exposição. Museu de Arte da Bahia, 2010.
- LIMA, José Lezama. "Una Página para Amelia Peláez", in *Tratados en la Habana*. Santiago de Chile, Editorial Orbe, 1970.